

O que pensam as mulheres a respeito da masturbação: inquéritos pessoais* 2

Milton Jorge de Carvalho**

RESUMO

Objetivando identificar a opinião de mulheres sobre alguns mitos referentes à masturbação feminina; verificar se as frequências modais das respostas apresentadas têm associação com a faixa etária e grau de escolaridade elaborou-se um questionário estruturado e mediante aquiescência de 107 mulheres, as mesmas foram entrevistadas em Santo André-SP, a respeito de 5 mitos relacionados à masturbação feminina. Item 1: A masturbação deforma os genitais, fazendo crescer. Item 2: A mulher que se masturba se sente culpada e anormal. Item 3: A masturbação é prejudicial

* Trabalho final apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* - em Educação Sexual promovido pela Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana e Faculdade de Medicina do ABC em maio de 1995 e apresentado no V Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana realizado em São Paulo de 16 a 20 de maio de 1995.

** Trabalho realizado sob orientação do Dr. Oswaldo Martins Rodrigues Júnior Médico ginecologista. Professor junto a Faculdade de Medicina da Fundação do ABC, disciplina de Ginecologia e obstetrícia

Endereço: Rua Padre Manoel de Paiva, 47 - CEP 09070-330-Santo André-SP.

Recebido em 10.05.95

Aprovado em 25.05.95

à saúde. Item 4: Masturbação só é permitida para homens. Item 5: A masturbação é coisa de mulher não decente. A maioria das mulheres entrevistadas que discordam dos mitos têm idade entre 20 e 29 anos, e formação secundária. Ressalta-se que dentre as que têm nível terciário, a maioria revela conceitos corretos. Apesar dos dados sugerirem que as mulheres em sua maioria discordam dos mitos, e portanto apresentam noções pertinentes sobre os mesmos, porcentagens significativas recaem sobre a somatória das alternativas “não sei” e “concordo”, o que justifica a implementação de orientações específicas sobre o assunto.

Palavras chaves: masturbação feminina, crenças e cognições.

SUMMARY

The objectives of this investigation were: to identify the women's opinion about some myths concerning the female masturbation and to verify if the modal frequencies of the answers have correlation to women's age and scholar level. A 5-item structured questionnaire was elaborated and 107 women were interviewed in Santo André-SP.

Most of the interviewed women that disagreed with the items are between 20 and 29 years old and have secondary level education. It is interesting to emphasize that among the ones that have undergraduate level, most of them have correct concepts. Although the results suggest that most of the interviewed persons do not agree with the myths presented, and have correct opinions, a significant percentage of women do not know the answers or know it incorrectly. So, the implementation of specific orientation and counselling about masturbation is necessary.

Key words: female masturbation, beliefs and cognitions.

INTRODUÇÃO

A origem da palavra masturbação é incerta, entretanto, encontram-se tendências apontando-a para raízes latinas. Para alguns estudiosos, provém do prefixo “*manus*” que significa mão e “*stuprare*” que quer dizer profanar, sujar. Ainda, há outros diferentes radicais e significados atribuídos ao termo masturbação, como: “*mas*” que equivale a órgão sexual masculino e “*turbation*”, excitação.

Os significados apresentam em comum expressiva conotação negativa, sugerindo até mesmo a proibição do ato sexual ou o ato de excitar os órgãos genitais masculinos, conforme refere COSTA (1986).

Cabe ressaltar que inicialmente era considerada prática de indivíduos apenas do sexo masculino, sendo posteriormente admitido que as mulheres também a adotavam.

Ao longo da história dos povos a masturbação recebeu diferentes entendimentos e conotações. Foi identificada através de diferentes termos, que dentre outros, destaca-se: sexo solitário, sexo para um, onanismo, auto erotismo, etc.

Quanto ao termo onanismo, ressalta-se que de acordo com a BÍBLIA (1949, Gênesis, 38, 4-10), esta palavra relaciona-se com coito interrompido e não com masturbação propriamente dita, conforme pode-se observar a seguir:

“Então disse Judá a Onan: entra à mulher do teu irmão, e casa-te com ela, e suscita semente a teu irmão. Onan, porém, soube que esta semente não havia de ser pare ele; e aconteceu que, quando entrava à mulher de seu irmão, derrarnava-a na terra, para não dar semente a seu irmão. E o que fazia era mau aos olhos do Senhor, pelo que também o matou” (Gênesis 38: 8-10).

Na antiguidade era de certa forma aceita como um dos meios de se obter prazer, com exceção dos gregos e romanos que desestimulavam a masturbação masculina até a idade de 21 anos, pois consideravam que seria prejudicial o desperdício do sêmen, tido como energia vital para a reprodução humana. Para os mesopotâmicos, mesmo que a manipulação do pênis fosse feita pela parceira, o ato era tido como impuro (Bullough, 1971, apud RODRIGUES JR., 1991).

Apesar da escassez de referências sobre o tema, no Egito foram encontradas descrições religiosas sobre a criação divina através da masturbação (GREGERSEN, 1983).

Na BÍBLIA (1949) diversas citações elucidam a desaprovação do auto erotismo, ou sejam:

“Também o homem, quando se der com ele emissão do sêmen, toda a sua carne banhará com água e será imundo até a tarde” (Levítico, 15:16).

“Quando sair o exército contra os teus inimigos, então te guardarás de toda coisa má. Quando entre ti houver alguém que por algum acidente de noite não estiver limpo sairá fora do exército; não entrará no meio do exército. Porém será que, declinando a tarde, se lavará em água; e, em se pondo o sol, entrará no meio do arraial” (Deuteronômio 23: 9-11).

Na Idade Média, médicos e filósofos repudiavam a masturbação sob o ponto de vista ético e moral, por acreditarem que a ejaculação deveria ter apenas finalidade reprodutiva. Os que tentassem buscar o auto prazer eram considerados hereges pela Santa Inquisição. Submetidos a julgamento poderiam até serem queimados em fogueira, numa grande festa de purificação. Os padres consideravam que o prazer solitário constituía-se em estímulos advindos de demônios (COSTA, 1986).

Na Idade Moderna a masturbação foi amplamente reprimida, principalmente na literature e nas escolas. Vários autores da época, dentre eles Bekker em 1720 enfatizava os efeitos deletérios e malignos da masturbação, destacando que poderia provocar impotência, epilepsia, cegueira, loucura e até mesmo a morte, além de outros aspectos.

A tentativa de combate à masturbação era feita de maneira severa e com base na religião e sentimentos de culpa. Certos tratamentos duravam até 2 ou 3 anos. Dietas rigorosas, proibindo ingestão de peixe, álcool, café, carne, etc., além da não permissão de roupas apertadas faziam parte das recomendações.

O casamento era uma forte solução apresentada como forma de se evitar o prazer solitário.

Vale destacar que um médico suíço do século XVIII, chamado Simon Andre Tissot foi o principal responsável pelas atribuições malélicas da masturbação e pela disseminação de seus mitos. Através de um livro escrito em 1758 ele sensibilizou os médicos da época que a perda do sêmen constituía-se no agente causal de doenças não só físicas como mentais (WELLS, 1992).

Portanto, neste século o desperdício do sêmen, além de ser pecaminoso, foi considerado como causa de doença mental e foi a época que realmente se teve consolidada a associação da masturbação com pecado e insanidade, crença que ainda persiste nos dias atuais para certas pessoas.

No século XIX, a idéia de cura foi substituída pela repressão punitiva e preventiva alicerçadas pela conduta médica. Surgem referências à masturbação feminina, sendo que às mulheres era indicada a infibulação ou seja, extirpação de clitóris e sutura parcial dos lábios vaginais, conforme refere RODRIGUES JR. (1991).

No século XX, os estudos psicanalíticos de Freud possibilitaram a compreensão de certos aspectos positivos decorrentes da masturbação. A chamada auto exploração do corpo na infância, tanto para as meninas ou meninos passa a ser entendida como normal e até necessária para uma adequada evolução da personalidade do indivíduo.

Em 1985 Freud escreveu que a masturbação provocava neurastenia e efeitos indesejáveis inclusive com alterações orgânicas permanentes no corpo (Pereira. 1982 *apud* ALVES, PEREIRA, RODRIGUES JR., 1991).

Não obstante a valiosa contribuição de Freud à visão acerca do auto erotismo ele trouxe por outro lado alguns conflitos ideológicos sobre o assunto. Admitia a atividade masturbatória, porém acreditava que a masturbação clitoriana acarretaria anorgasmia vaginal na vida adulta da mulher, mantendo-se portanto infantil e imatura sexualmente. Posteriormente, admitiu a inadequação de sua postura e reformulou a idéia (ALVES, PEREIRA, RODRIGUES JR., 1991; WELLS, 1992).

A partir da compreensão modificada sobre os aspectos positivos da masturbação gerada por Freud, outros estudiosos, como Holt, demonstraram que a sua prática era nociva sob certas condições especiais, como exemplo, em situações de ansiedade e culpabilidade, tornando-a assim um ato patológico. Para Reich e Lampl de Groat a culpabilidade neurótica na masturbação é inerente ao próprio indivíduo e é relativa à história anterior de vida (COSTA, 1986).

WELLS (1992, p.71) refere que “pegar” acariciar e tocar os genitais é um comportamento humano natural, existente em todas as culturas através da história”.

A manipulação dos órgãos genitais é considerada em três fases da vida de uma pessoa. A primeira acontece entre 4 e 7 anos de idade; a segunda se manifesta com a puberdade, dos 12 aos 14 anos e a última configura-se como masturbação da vida adulta.

COSTA (1980) ainda refere que a diferença entre estas fases centraliza-se no fato das duas primeiras terem funções mais especificamente vinculadas ao desenvolvimento e crescimento físico e psíquico da pessoa, ao passo que a terceira configura-se como uma alternativa adicional para a obtenção de prazer. A primeira fase integra o desenvolvimento psiconeurológico da criança, permitindo o conhecimento do seu corpo. A segunda é de reconhecimento, dadas as modificações corporais que ocorrem na puberdade acrescido da constatação da localização do prazer.

A masturbação na vida adulta, nas últimas décadas é sabidamente uma prática sexual normal realizada por indivíduos do sexo feminino e masculino, conforme apontam diversos autores (SANTA INEZ, 1983; RODRIGUES JR., 1991; HITE, 1992; COSTA. MONESI, RODRIGUES JUNIOR, 1993; LOPES, 1994; MEADE, 1995).

De acordo com COSTA (1986) as mulheres se masturbam menos do que os homens e apresentam maiores dificuldades em falar e assumir o seu prazer solitário. Esse fato ocorre principalmente devido a influências culturais.

KINSEY et al. (1954) foram os pioneiros das descobertas acerca dos primeiros fatos reais sobre a prática da masturbação. Constataram que homens realizam-na com maior frequência e com início em torno dos 12 anos, decrescendo a partir dos 20 anos; enquanto as meninas iniciam-se em geral após os 20 anos e apresentam intensificação dessa atividade na vida adulta. A partir desse estudo, verificaram que essa prática aumentou entre as mulheres e manteve-se em torno de 90% entre os homens.

Na década de 70, entretanto, outras pesquisas apontaram que a disparidade de frequência de masturbação segundo os sexos, parecia se igualar. Segundo KINSEY et al. (1954) as investigações de Morten Hunt e do Redbook indicaram o início mais precoce, percorrendo um período mais longo e praticado igualmente por mulheres e homens adultos.

ALVES; PEREIRA; RODRIGUES JUNIOR (1991) avaliando esse exercício entre 116 universitárias paulistas detectaram que 45,13% delas se masturbam. Dentre as razões que as conduzem à esta atividade tem-se que o auto erotismo e alternativa de prazer foram as duas causas mais referidas. O clitóris foi citado como a região preferida por 60,22% das mulheres e 46,66% referiam que o sexo solitário gera prazer tanto a nível físico como emocional.

Para CARRERA (1981, p. 435) “somente a devoção religiosa é que continua a inibir significativamente a masturbação. Os católicos devotos, os protestantes fundamentalistas e os judeus ortodoxos são masturbadores menos ativos do que os homens e mulheres não religiosos ou menos religiosos”. Esse mesmo autor cita que para Hunt, 60% das mulheres com idade entre 18 e 24 anos se masturbavam e que no final da década de 30, a porcentagem atingiu 80%, denotando portanto um grande aumento da frequência de masturbação feminina.

HITE (1992) encontrou entre aproximadamente as suas 3.000 mulheres entrevistadas que 82% delas se masturbavam e 96% das mesmas atingiam o orgasmo regularmente.

Atualmente o auto erotismo tem sido melhor aceito, devido principalmente ao maior investimento sobre o tema, além do reconhecimento da importância da masturbação em tratamentos de disfunções sexuais (KOLODNY, MASTERS. JOHNSON, 1982; RODRIGUES JR.. 1991).

WELLS (1992) destaca que são reconhecidos inclusive os benefícios da masturbação, ou sejam: a autodescoberta sexual, a arte de amar a si mesmo, a vantagem para a melhoria do relacionamento a dois.

Entretanto numerosas crenças e mitos referentes à masturbação ainda são componentes introjetados nas pessoas, o que seguramente vem se constituir em fatores influenciadores em um desempenho sexual adequado e feliz.

Vale ressaltar que segundo CAMPBELL (1990) mitos são “histórias de nossa busca da verdade, de sentimentos e de significados de nossas vidas através do tempo”.

Segundo YASLLE (1993) e GOODSON & CAVALCANTI (1991) as crenças e os mitos são vinculados entre si, tornando-se difícil a sua distinção.

LOPES & MAIA (1994) a partir de sua prática clínica apontam alguns dos aspectos mais freqüentemente levantados em seu cotidiano profissional, ou seja: se a masturbação é normal, se as mulheres se masturbam, se é prejudicial às anorgásticas, se substitui a relação sexual e a sua relação com o enfraquecimento da pessoa.

Frente à análise da literatura, propôs-se realizar esta investigação tendo como objetivos principais:

- a) identificar a opinião de mulheres que buscam assistência ginecológica em uma clínica especializada, sobre alguns mitos referentes à masturbação feminina;
- b) verificar se as freqüências modais das respostas apresentadas têm associação com a faixa etária;
- c) verificar se as freqüências modais das respostas apresentadas têm associação com o grau de escolaridade.

PACIENTES E MÉTODOS

A amostra foi constituída por 107 mulheres que espontaneamente procuraram atendimento médico ginecológico, em uma clínica particular em Santo André-SP, no mês de fevereiro de 1995.

Para a seleção das entrevistadas estabeleceu-se os seguintes critérios de inclusão:

- não estar grávida
- não estar no período puerperal
- ter idade entre 20 a 49 anos

- ser heterossexual
- ter vida sexual ativa
- ir espontaneamente ao consultório na semana determinada para a coleta de dados
- aquiescer em participar da pesquisa

Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário elaborado especialmente para esta investigação, o qual foi composto por cinco itens fechados referentes a mitos sobre a masturbação feminina, com três alternativas para resposta, conforme pode-se observar no Anexo 1. A elaboração a seleção dos itens foi norteada pela nossa experiência profissional bem como na literatura específica (LIEF, 1979; COSTA, MONESI, RODRIGUES JUNIOR, 1993; LOPES, 1993; YASLLE, 1993).

Realizou-se estudo piloto com 10 mulheres a fim de se testar o instrumento. As considerações emanadas nessa etapa foram discutidas, analisadas e acatadas de acordo com a pertinência das mesmas.

A coleta de dados, propriamente dita, ocorreu numa semana de fevereiro de 1995 aleatoriamente determinada. Através de aplicação individual, as mulheres preenchiam o questionário. Cumpre ressaltar que a aquiescência foi atingida em 100% das mulheres e muitas delas revelaram considerar importante a discussão sobre o assunto.

Os dados foram analisados quantitativamente, com base em porcentagem simples.

RESULTADOS

Das 107 mulheres que integraram a pesquisa, destacam-se algumas de suas características pessoais.

Quanto à idade, 64 (59,81%) delas enquadram-se na faixa etária de 20 a 29 anos; 35 (32,71%) de 30 a 39 anos e 8 mulheres (7,48%) apresentam idade entre 40 e 49 anos.

Um total de 100 entrevistadas (93,46%) são de cor branca e apenas 7 (6,54%) não branca.

Sobre o número de parceiros, a maioria das mulheres (96-89,72%) referiram que têm ou tiveram apenas um parceiro sexual. uma mulher (1,07%) atribuiu ter dois parceiros, 1 (1,07%) três parceiros e 1 (1,07%) referiu ter mais de três. Acrescenta-se ainda que 8 (7,47%) não fizeram nenhuma alusão a esta questão.

Referente à escolaridade, 54 (50,47%) mulheres apresentam formação correspondente ao 2º grau completo, seguido por 28 (26,17%) com 3º grau, 22 (20,56%) com apenas formação primária e 3 (2,80%) não responderam esta questão.

Conforme pode-se observar na tabela 1, um total de 64 (59,81%) entrevistadas referiram que discordam do item: “*A masturbação deforma os genitais, fazendo o clitóris crescer*”. No entanto, 39 (36,45%) alegaram não saber se a masturbação provoca deformações nos genitais ou não e 4 (3,74%) acreditam que pode ocorrer crescimento do clitóris.

(ver tabela 1)

Ao se analisar as respostas em associação à faixa etária das entrevistadas observou-se que 65,63% das 64 mulheres que optaram pela alternativa “discordo”, enquadram-se na faixa etária de 20 a 29 anos, seguidas por porcentagens menores pelas que têm de 30 a 39 anos (29,69%) e 40 a 49 anos (4,68%).

Dentre as que apresentam de 20 a 29 anos de idade, 42 (65,63%) mulheres não concordam com o mito: das que se enquadram entre 30 a 39 anos, 19 (54,28%) delas também referem que este não se apresenta como verdade e 5 (62,5%) das que têm entre 40 a 49 anos não sabem a resposta.

Quanto à escolaridade percebe-se que 78,57% das mulheres que têm terceiro grau completo apresentam discordância sobre este mito, seguidas pelas de formação escolar secundária (55,55%) e primária respectivamente (50,0%) (Tabela 2). Ao se tentar compreender as respostas referentes às 54 mulheres com escolaridade secundária, tem-se que proporcionalmente a maioria delas (55,55%) não o concordam com o mito; por outro lado 40,74% não sabem a resposta e 3,70% têm opiniões contrárias em relação ao que a literatura refere sobre o assunto.

Destaca-se, ainda, que neste nível de escolaridade encontram-se as porcentagens predominantes. ou seja. a maioria das que não sabem (56,41%), das que têm opinião contrária (50,01%) e concordante (46,87%) enquadram-se neste grau (Tabela 2).

(ver tabela 2)

Ao serem questionadas sobre a opinião referente à popular crença: “*A mulher que se masturba se sente culpada e anormal*, Item 2, as respostas das 107 mulheres entrevistadas foram reunidas e apresentadas na Tabela 3.

(ver tabela 3)

Percebe-se que 62 (57,94%) mulheres mencionaram considerar errado este mito, 36 (33,64%) referiram não saber a resposta e para 9 (8,41%) trata-se de uma verdade.

Analisando-se as respostas de acordo com a faixa etária tem-se que das 62 pessoas que discordam do mito em questão, a maioria (70,97%) tem idade entre 20 e 29 anos. O mesmo grupo de mulheres também sobressaem-se na resposta relativa a alternativa “não sei”. Das pessoas que consideram este mito correto, 66,67% tem de 30 a 39 anos.

Quanto à escolaridade, vê-se na Tabela 4, que dentre as que têm formação primária, 11 (50,0%) não sabem opinar, 32 (59,26%) das que têm nível secundário consideram errado esse mito e portanto discordam do mesmo e 20 (21,43%) das que apresentam escolaridade terciária têm opinião correta sobre esse item. As mulheres com formação secundária completa apresentam os maiores percentuais, tanto em termos da alternativa “discordo” (51,61%), como “concordo” (66,67%) e “não sei” (44,44%), aspecto este semelhante ao apresentado no item anterior.

(ver tabela 4)

Quanto às respostas atribuídas, pelas mulheres, ao item 3: “*A masturbação é prejudicial à saúde*”, tem-se, como pode ser observado na Tabela 5, que 87 (81,31%) destas pessoas atribuíram a alternativa “discordo”, ou seja para estas pessoas a masturbação não causa prejuízos à saúde. Destas, 63,22%. ou seja, 55 mulheres apresentam idade entre 20 e 29 anos. (ver Tabela 5).

Um total de 13,08% referiu não saber a resposta e 5,6% admite esta como a resposta correta. Cumpre ressaltar que dos que referiram não saber a resposta, 50% também inclui-se na faixa etária de 20 a 29 anos.

Referente à escolaridade, vê-se na Tabela 6 alguns destaques. A alternativa “discordo” foi a mais referida pelas entrevistadas, sendo mencionada por 45 (51,72%) das mulheres que tem 2º grau completo.

(ver tabela 6)

Nas Tabelas 7 e 8, encontram-se as respostas referentes ao item 4: “*Masturbação só é permitida para homens*”. Observa-se que na Tabela 7 um total de 90,65% de respostas revelam que as mulheres discordam deste mito, o que representa uma consideração positiva. Das que defendem esta opinião, 60 (61,85%) têm idade entre 20 a 29 anos.

(ver tabelas 7 e 8)

Quanto à formação escolar das mulheres, percebe-se pelos dados contidos na Tabela 8 que 81,82% das que têm 1º grau completo, 90,74% das mulheres com escolaridade secundária e 100% das que têm escolaridade de nível superior, revelaram opiniões discordantes.

(ver tabela 8)

Das mulheres que consideram este mito verdadeiro, 66,67% delas têm nível secundário. Dentre as que não sabem 57,14% têm formação primária e 42,86% secundária.

Sobre o item 5: “*A masturbação é coisa de mulher não decente*”, conforme pode-se atestar na Tabela 9, 85,98% das mulheres referiram nessa investigação que discordam dessa crença.

(ver tabela 9)

Um total de 14,02% das respostas atribuídas foram referentes à somatória de opiniões que indicam concordância com o mito e as que não sabem expressar o seu significado. As respostas mais frequentes dessas alternativas também concentraram na faixa correspondente à idade de 20 a 29 anos, ou seja, 2 (50,0%) mulheres que concordam com este item, 57 (61,96%) das que discordam e 5 (45,45%) das que não sabem.

A distribuição dos resultados de acordo com a escolaridade dos indivíduos (Tabela 10) nos mostra que a maioria (50%) das que têm formação primária e secundária apresentam conceitos coerentes. Das que apresentam opinião concordante, 52,17% enquadram-se em escolaridade secundária e de forma semelhante as que não sabem (36,36%).

(ver tabela 10)

DISCUSSÃO

Referente ao Item I pesquisado: “A masturbação deforma os genitais fazendo o clitóris crescer” LOPES (1993) menciona ser este um mito inerente à história da sexualidade feminina. Encontrou-se no levantamento bibliográfico realizado uma escassez de referências sobre o referido item. DUARTE (1991) elucida que a masturbação não provoca deformação dos genitais.

A auto manipulação frequente e prolongada do clitóris, segundo LIEF (1979), pode produzir um certo espessamento e até em pequeno grau

alterar a extensão do corpo do órgão, conforme observado em mulheres psicóticas que se masturbavam até 100 vezes ou mais por dia. Por outro lado, a masturbação moderadamente freqüente, como por exemplo no período perimenstrual, mesmo que permeie toda a trajetória de vida parece não ser fator responsável pela hipertrofia clitoridiana. Esta pode ocorrer por outras causas, como disfunções hormonais, tumores ovarianos e supra-renais. Depreende-se, assim, que a masturbação clitoridiana não oferece riscos de deformação deste órgão.

Os resultados encontrados nessa investigação nos levam a evidenciar que a maioria das pessoas entrevistadas apresentam conceitos corretos, colaborando com a opinião de DUARTE (1991). Todavia a porcentagem de mulheres que não sabem ou que têm opiniões concordantes é significativa. Ressalta-se, ainda, que a faixa etária mais jovem e escolaridades secundárias e terciária parecem constituir determinantes para as pessoas incorporarem conceitos adequados

Quanto ao item 2: "*A mulher que se masturba se sente culpada e anormal*", os dados encontrados nessa investigação indicam resultados benéficos, pois a maioria das mulheres entrevistadas não creem nesse mito, com destaque às que têm de 20 a 29 anos e escolaridade secundária.

No entanto é preocupante pensar que se forem agrupadas as respostas correspondentes às alternativas "concordo" e "não sei" ter-se-á um percentual importante, denotando desinformação, independente da idade.

Na literatura revisada, o sentimento de culpa ou de anormalidade é apontado por diversos autores, conforme apresenta-se a seguir.

SANTA INEZ (1983) na pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros obteve como resultados que dos 3356 entrevistados, 27% dos cariocas, 17% dos paulistas e 18% das pessoas de outras localidades consideram-na anormal para um total de 20%, a masturbação com objetos é tida como normal

HITE (1992) no relatório sobre a sexualidade feminina, elaborado em 1976, mostra os resultados de 3019 participantes do sexo feminino e apresenta de uma maneira muito rica diversos depoimentos de mulheres que se sentiam culpadas pelo auto erotismo, mas que superaram a culpa, seja através do apoio religioso, por auto descoberta ou por outro motivo.

Um dos depoimentos cita-se a seguir: "Desde os onze anos eu comecei a me sentir culpada por me masturbar. Eu sempre tinha medo de ser surpreendida por alguém. Aos dezenove anos, depois de me masturbar, uma vez eu pensei: isso não pode ser pecado. Eu sempre me sinto melhor depois e eu não estou prejudicando nem a mim nem a outra pessoa.

Deus não pode achar isso errado. Eu fui então me confessar com um padre muito velho e muito rígido e, para minha surpresa e alívio, ele me respondeu que não era pecado. Que toda mulher e todo homem faziam. Que novas pesquisas na psicologia haviam descoberto que a masturbação preenchia uma necessidade física e psicológica, sendo assim normal e natural. Isto foi dito por um padre que não era liberal e nem da igreja nova. Ele era tão piedoso. Depois disso não me incomodei mais” (HITE, 1992, p. 10).

Essa mesma autora ainda elucida que a maioria das mulheres disseram que fisicamente tinham prazer na masturbação (afinal de contas, levava ao orgasmo), mas não psicologicamente, pois sob este aspecto sentiam-se sozinhas, culpadas, indesejadas, egoístas, sujas, egocêntricas, constrangidas...

CARRERA (1981) justifica o sentimento de culpa sentido pelas pessoas que se masturbam embasando-se em aspectos religiosos. Refere que as não educadas sob um sistema religioso específico sentem menos culpa quanto ao auto erotismo. Os não religiosos se masturbam mais frequentemente do que os religiosos, e portanto tem-se que as crenças religiosas inibem a frequência da masturbação. Atribui as noções errôneas à ignorância do fato, bem como à introjeção, ao longo dos séculos de ensinamentos religiosos da masturbação como atividade pecaminosa.

LOPES & MAIA (1994) mencionam que o mito da masturbação enquanto prática anormal está enraizado em nossa cultura, o que contribui para impossibilitar o enriquecimento da vida sexual dos casais. Portanto, a desmistificação através da sensibilização e orientação aos indivíduos se faz imprescindível.

Quanto ao item 3: “*A masturbação é prejudicial à saúde*”, LOPES (1993) cita que este constitui um mito da sexualidade feminina.

CAMARGO (1989) chama a atenção para o fato das credences verbalizadas por suas clientes, em seu consultório, sendo a idéia de que “A mulher que se masturba não presta” ser bastante freqüente.

CARRERA (1981) destaca que trata-se de uma falsa credence. Exemplifica alguns mitos referentes à saúde, tais como a masturbação sendo considerada como causadora de doença física, como um sinal de doença emocional, como causadora de miopia, etc.

Para DUARTE (1991) masturbar-se ocasionalmente é considerada uma atitude normal em todas as fases do ciclo vital. É inofensiva, não deforma os genitais. Constitui problema quando passa a ser a única fonte de prazer.

LIEF (1979) refere que há dogmas tradicionais e contemporâneos que costumam confundir a saúde física, moral e mental. Acrescenta ainda que atualmente a masturbação já é encarada como meio inócuo e muito benéfico quando se objetiva o alívio de tensão. Cita que existem estudos que comprovam ser a masturbação prejudicial à saúde.

SANTA INEZ (1983) também corrobora a idéia da normalidade da aceitação do auto erotismo. Dentre seus entrevistados, três em cada quatro consideram o sexo solitário como um ato normal. Para este autor, a masturbação não prejudica nem física e nem mentalmente; ao contrário, os efeitos danosos são oriundos do sentimento de culpa conseqüentes às distorções criadas principalmente no século XIX a início do século XX.

Para COSTA, MONESI, RODRIGUES JÚNIOR (1993) a masturbação trata-se de uma prática sexual, que não faz mal à saúde e representa uma opção adicional de prazer.

LOPES (1993) menciona que a masturbação só pode significar problema se constituir-se a única forma de obtenção de prazer no adulto; na infância a adolescência se for um ato de exibicionismo também extrapola o aspecto saudável.

Para COMFORT & COMFORT (1980) a masturbação configura-se também como uma atividade saudável e prazerosa. Referem ainda que os meninos aprendem a se masturbar mais precocemente que as meninas. Para esses autores, o prazer sentido na masturbação pode contribuir para que as relações sexuais se tornem mais agradáveis, além de ser uma maneira de aprender a gostar do próprio corpo.

Os dados encontrados nessa investigação mostram que a idade é um dos aspectos que interfere na opinião das mulheres, sendo as que se enquadram na faixa etária de 20 a 29 anos, as que predominantemente discordam deste mito.

Referente à distribuição das respostas encontradas na presente investigação, segundo o grau de formação acadêmica, parece ser este um fator que não interfere neste questão, visto que os valores modais das respostas encontradas apresentam concordância e concentram-se exatamente nos três diferentes níveis de escolaridade, ou seja formação secundária (83,33%), terciária (82,14%) e primária (77,27%).

Quanto ao item 4: “*A masturbação só é permitida para homens*”, LOPES (1993) inclui na lista dos mitos acerca da sexualidade feminina. YAZZLE (1993) ainda acrescenta que além de não ser coisa de mulher, a que se masturba é tida como doente. Contestando justificando que durante certa etapa de crescimento e desenvolvimento do indivíduo a masturbação é saudável, reconhece também a sua importância na vida adulta.

Na pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros, SANTA INEZ (1983) refere que mais de 60% dos pesquisados declararam já ter se masturbado, sendo os índices masculinos superiores aos femininos. Constatou que os homens recebem maior permissão para o auto conhecimento do corpo, desde o início. Tal fato se deve ao aspecto do início da masturbação nos homens ocorrer na infância e puberdade, enquanto algumas mulheres só a praticam depois dos 30 anos. O fator sócio econômico cultural tem influência expressiva sobre o assunto.

Esse autor ainda acrescenta que as mulheres carecem de informações e são mais resistentes à prática de auto prazer, apesar de até aceitarem-na como fato natural.

A abordagem cultural é reforçada por HITE (1992), alegando que as mulheres são educadas de forma a não se masturbarem.

LIEF (1979) comenta que no Relatório Kinsey, 38% das mulheres e 7% dos homens entrevistados nunca se masturbaram. Dentre os praticantes, os homens atingem o seu pico máximo na puberdade e este declina com o evoluir da idade. Com as mulheres ocorre o contrário, sendo mais freqüente na vida adulta. Quanto mais alto o nível de instrução da mulher, mais provável que já se tenha masturbado.

Por outro lado quando se analisam esses dados considerando-se a distribuição das respostas proporcionalmente às faixas etárias, tem-se que as respostas da maioria dos três grupos etários figuraram predominantemente na alternativa que expresse a discordância destas mulheres quanto à permissão da masturbação exclusiva para homens.

Destaca-se ainda que 25% das mulheres com idade entre 40 e 49 anos, não sabem opinar sobre a questão. Tal resposta pode ser sugestiva que para as mulheres mais idosas o desconhecimento do assunto pode ser motivo de conflitos pessoais.

Quanto à associação entre opiniões e nível de escolaridade denotou-se no presente trabalho quanto maior o grau de formação acadêmica, maior e mais coerente revela-se o conhecimento sobre o assunto específico.

Dessa forma, cumpre ressaltar que com base nos achados desta investigação, a maioria das mulheres são passíveis de concordar que a masturbação não é exclusiva para homens. Sabendo-se dos benefícios que pode acarretar à mulher, como ser individual ou numa relação a dois, trata-se de um resultado positivo.

Sobre o item 5: "*A masturbação é coisa de mulher não decente*", CAMARGO (1989) destaca que esta é uma idéia presente nos dias atuais.

Ressalta-se que dentre as mulheres entrevistadas nesta investigação que contestaram o item, percebe-se associação direta entre opinião correta e idade, ou seja quanto menor a faixa etária maior é o número de pessoas que apresentam opiniões corretas.

Curiosamente evidencia-se que a porcentagem mais freqüente de respostas certas, aloca-se no nível de formação terciária, seguido respectivamente pelo secundário e primário.

Uma vez mais fica evidente que há maior coerência de opiniões entre as pessoas com escolaridade superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem vários mitos relacionados à sexualidade humana e infelizmente muitas são as pessoas que incorporam como verdades conceitos e orientações errados. Frutos de uma sociedade mal informada, os mitos, as crendices, os preconceitos ainda nos dias de hoje deturpam a visão dos indivíduos no que concerne à vida sexual e afetiva.

Dentre os vários mitos referentes à masturbação, além dos que são imbuídos de restrições sociais, alguns foram herdados de conceitos da igreja católica, principalmente, em outras épocas, já chegou a considerá-los até como pecado mortal, vindo a transformar uma verdade biológica em um expressivo pecado.

Estudos que associam crenças de mitos referentes à masturbação com relação à idade e nível de escolaridade não foram encontrados na revisão bibliográfica realizada, constituindo-se assim uma dificuldade para se estabelecer comparações desses resultados com os de outros estudos.

Os achados desta investigação evidenciam que as pessoas com faixa etária de 20 a 29 anos apresentam conhecimento mais coerente sobre o assunto, da mesma forma que a escolaridade influencia nas resposta. Quanto maior o nível de escolaridade, maior o índice de discordância da resposta, demonstrando portanto que não acreditam no mito.

Considera-se que a medida que aumenta o nível de escolaridade, diminui o senso comum, que é aquele transmitido de geração a geração, e que torna-se enfraquecido ou fortalecido a depender da cultura das pessoas, dentre outros aspectos. Com a diminuição do senso comum, ocorre a incorporação de conceitos científicos e assim as crenças populares passam a ter importância secundária.

Apesar da grande porcentagem das mulheres entrevistadas terem respondido que discordam do itens questionados, ou seja que apresentaram opinião correta sobre a temática, as respostas referentes à concordância com o mito ou o não saber a resposta não devem ser consideradas.

Considera-se oportuno a promoção de ações que visem a orientação das pessoas sobre o assunto e para tanto pretende-se enfatizar a abordagem durante as oportunidades emanadas durante o atendimento ginecológico e obstétrico que prestamos e mesmo programar discussões específicas e sistematizadas sobre o tema.

A masturbação deve ser vista como atividade normal em qualquer fase do ciclo vital sendo na idade adulta, uma opção a mais de prazer e como um aspecto que intensifica a melhoria da qualidade do relacionamento sexual.

Falsas crenças acerca do auto-erotismo só acarreta prejuízo à pessoa e/ou ao casal no exercício da sua sexualidade.

O ser humano precisa questionar, buscar informações conhecer o seu corpo, para assim somar subsídios que o conduzem a um comportamento sexual seguro e saudável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, D. C.; PEREIRA, T. R. A.; RODRIGUES JUNIOR, O. M.. *Masturbação em estudantes universitários: atitudes e referências*. Rev. Bras. Sexualidade Humana, v. 2, n. 1, 1991, p. 41-51.
2. BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada*. Rio de Janeiro. Sociedades Bíblicas Unidas, 1949.
3. CAMARGO, V. *Masturbação permitida para maiores*. Cláudia, v. 29, n. 4, 189, p. 137-9.
4. CAMPBELL, J. *O mito e o mundo moderno*. In: *O poder do mito*. São Paulo, Ed. Associação Pala Athena, 1990. Cap. 1, p. 3-36.
5. CARRERA, M. *Sexo. Os fatos, os atos e os prazeres do amor*. Rio de Janeiro, Record, 1981.
6. COMFORT, A.; COMFORT, J. *ABC do amor e do sexo: orientação sexual para adolescentes*. Abril Cultural. 1980, 128 p.
7. COSTA, M. *Sexualidade na adolescência - Dilemas e crescimento*. São Paulo, L. & P. M., 1986.
8. COSTA, M.; MONESI, A. A.; RODRIGUES JÚNIOR, O. M. *Cem dúvidas sobre sexo*. São Paulo. Gente, 1993, 143 p.
9. DUARTE, A. *O prazer de ser mulher*. Rio de Janeiro. Ed. Roca dos Tempos. 1991.

10. GOODSON. P. & CAVALCANTI, M. *Mitos, crendices e tabus sexuais*. In: Saúde sexual e reprodutiva. Artgraf Editora. 1991, Cap. 2. p. 243-51.
11. GREGERSEN, E. *Práticas sexuais - a história da sexualidade humana*. São Paulo. Roca, 1983.
12. RITE, S. *O Relatório Hite*. 21 ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil S.A., 1992.
13. KINSEY, A. C.; POMEROY. W. B.; MARTIN, C. E.; GEBHARD. P. H. *Conduta sexual da mulher*. Rio de Janeiro. Atheneu, 1954.
14. KOLODNI, R. C.; MASTERS. W. H.; JOHNSON, V. E. *Manual de medicina sexual*. São Paulo. Manole, 1982.
15. LIEF. H. I. *Sexualidade humana - orientação médica e psicologia atual*. Rio de Janeiro, Atheneu, 1979, 322 p.
16. LOPES. G. *Sexualidade Humana* 2 ed. São Paulo. MEDSI. 1993.
17. LOPES, G.; MAIA. M. *Sexualidade e envelhecimento*. 2 ed., São Paulo, Saraiva. 1994, 135 p.
18. MEADE, W. W. *Por que tanto problema com a masturbação*. NOVA - Guia do Sexo. n. 259, Abril 1995, p. 12-15.
19. RODRIGUES JÚNIOR, O. M. *Objetos do desejo - das variações sexuais, perversões e desvios*. São Paulo, Iglu, 1991.
20. SANTA INEZ. A. L. *Pesquisa acerca dos hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros*, São Paulo, Cultrix, 1983.
21. WELLS, C. G. *Manual de terapias sexuais*. Rio de Janeiro. Record. 1992.
22. YAZLLE, M. E. H. D. *Mitos sexuais femininos*. Rev. Bras. Medicina, v. 4, n. 5, p. 244-8, 1993.

TABELA 1 - Distribuição das respostas atribuídas ao item 1: “A masturbação deforma os genitais, fazendo o clitóris crescer”, segundo faixa etária.

faixa etária	concorda		discorda			não sabe			total			
	n	f(%) [*]	n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)		
20 a 39	4	100	6.25	42	65.63	65.63	18	46.15	28.12	64	59.81	100
30 a 39	0	0	0	19	29.69	54.28	16	41.03	45.71	35	32.71	100
40 a 49	0	0	0	3	4.68	37.5	5	12.82	62.5	8	7.48	100
total	4	100	3.74	64	100	59.81	39	100	36.45	107	100	100

* a primeira coluna das frequências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as faixas etárias e a segunda, a sua frequência dentro de cada faixa etária.

TABELA 2 - Distribuição das respostas atribuídas ao item 1: “A masturbação deforma os genitais fazendo o clitóris crescer”, segundo grau de escolaridade.

faixa etária	concorda		discorda			não sabe			total			
	n	f(%) ^a	n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)		
não respondeu	0	0	1	1.56	33.33	2	5.13	66.67	3	2.80	100	
1º grau	1	25.0	4.55	11	17.19	50.0	10	25.64	45.45	22	20.56	100
2º grau	2	50.0	3.70	30	46.87	55.55	22	56.41	40.74	54	50.47	100
3º grau	1	50.0	3.57	22	34.38	78.57	5	12.82	17.86	28	26.17	100
total	4	100	3.74	64	100	59.81	39	100	36.45	107	100	100

* a primeira coluna das frequências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as níveis de escolaridade e a segunda, a sua frequência dentro de cada nível.

TABELA 3 - Distribuição das respostas ao item 2: “A mulher que se masturba se sente culpada e anormal”, segundo faixa etária.

faixa etária	concorda		discorda			não sabe			total			
	n	f(%)*	n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)		
20 a 29	2	22.22	3.12	44	70.97	68.75	18	50.0	28.13	64	59.81	100
30 a 39	6	66.67	17.14	15	24.19	42.86	14	38.89	40.00	35	32.71	100
40 a 49	1	11.11	12.5	3	4.84	37.5	4	11.11	50.0	8	7.48	100
total	9	100		62	100	57.94	36	100	33.64	107	100	100

* a primeira coluna das freqüências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as faixas etárias e a segunda, a sua freqüência dentro de cada faixa etária.

TABELA 4 - Distribuição das respostas referentes ao item 2: “A mulher que se masturba se sente culpada e anormal”, segundo grau de escolaridade.

faixa etária	concorda			discorda			não sabe			total		
	n	f(%)*		n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)	
não respondeu	0	0	0	1	1,61	33,33	2	5,55	66,67	3	2,80	100
1º grau	2	22,22	9,09	9	14,52	40,91	11	30,56	50,0	22	20,56	100
2º grau	6	66,67	11,11	32	51,61	59,26	16	44,44	29,63	54	50,47	100
3º grau	1	11,11	3,57	20	32,25	71,43	7	19,44	25,0	28	26,17	100
total	9	100	8,41	62	100	57,94	36	100	33,64	107	100	100

* a primeira coluna das freqüências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as níveis de escolaridade e a segunda, a sua freqüência dentro de cada nível.

TABELA 5 - Distribuição das respostas atribuídas ao item 3: “A masturbação é prejudicial à saúde”, segundo faixa etária.

faixa etária	concorda			discorda			não sabe			total		
	n	f(%) [*]		n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)	
20 a 29	2	33,33	3,12	55	63,22	85,94	7	50,0	10,94	64	59,81	100
30 a 39	2	33,33	5,71	27	31,03	77,14	6	42,86	17,14	35	32,71	100
40 a 49	2	33,33	25,0	5	5,75	62,5	1	7,14	12,5	8	7,48	100
total	6	100	5,60	87	100	81,31	14	100	13,08	107	100	100

* a primeira coluna das freqüências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as faixas etárias e a segunda, a sua freqüência dentro de cada faixa etária.

TABELA 6 - Distribuição das respostas atribuídas ao item 3: “A masturbação é prejudicial à saúde”, segundo grau de escolaridade.

faixa etária	concorda			discorda			não sabe			total		
	n	f(%)*		n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)	
não respondeu	0	0	0	2	2.30	66.67	1	7.14	33.33	3	2.80	100
1º grau	3	50.0	13.64	17	19.54	77.27	2	14.29	9.09	22	20.56	100
2º grau	2	25.0	3.70	45	51.72	83.33	7	50.0	12.96	54	50.47	100
3º grau	1	25.0	3.57	23	26.44	82.14	4	28.57	14.29	28	26.17	100
total	6	100	5.61	87	100	81.31	14	100	13.08	107	100	100

* a primeira coluna das freqüências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as níveis de escolaridade e a segunda, a sua freqüência dentro de cada nível.

TABELA 7 - Distribuição das respostas atribuídas ao item 4: “A masturbação só é permitida para homens”, segundo faixa etária.

faixa etária	concorda			discorda			não sabe			total		
	n	f(%) [*]		n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)	
20 a 29	1	33.33	1.56	60	61.85	93.75	3	42.86	4.69	64	59.81	100
30 a 39	2	66.67	5.71	31	31.96	88.57	2	28.57	5.71	35	32.71	100
40 a 49	0	0	0	6	6.18	75.0	2	28.57	25.0	8	7.48	100
total	3	100	2.80	97	100	90.65	7	100	6.54	107	100	100

* a primeira coluna das freqüências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as faixas etárias e a segunda, a sua freqüência dentro de cada faixa etária.

TABELA 8 - Distribuição das respostas atribuídas ao item 4: “A masturbação só é permitida para homens”, segundo grau de escolaridade.

faixa etária	concorda			discorda			não sabe			total		
	n	f(%) [*]		n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)	
não respondeu	1	33.33	33.33	2	2.06	66.67	0	0	0	3	2.80	100
1º grau	0	0	0	18	18.56	81.82	4	57.14	18.18	22	20.56	100
2º grau	2	66.67	3.70	49	50.51	90.74	3	42.86	5.56	54	50.47	100
3º grau	0	0	0	28	28.86	100	0	0	0	28	26.17	100
total	3	100	2.80	97	100	90.65	7	100	6.54	107	100	100

* a primeira coluna das frequências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as níveis de escolaridade e a segunda, a sua frequência dentro de cada nível.

TABELA 9 - Distribuição das respostas atribuídas ao item 5: “A masturbação é coisa de mulher não decente”, segundo faixa etária.

faixa etária	concorda			discorda			não sabe			total		
	n	f(%)*		n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)	
20 a 29	2	50.0	3.13	57	61.96	89.06	5	45.45	7.81	64	59.81	100
30 a 39	1	25.0	2.86	30	32.61	85.71	4	36.36	11.43	35	32.71	100
40 a 49	1	25.0	12.5	5	5.43	62.5	2	18.18	25.0	8	7.48	100
total	4	100	3.74	100	100	85.98	11	100	10.28	107	100	100

* a primeira coluna das freqüências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as faixas etárias e a segunda, a sua freqüência dentro de cada faixa etária.

TABELA 10 - Distribuição das respostas atribuídas ao item 5: “A masturbação é coisa de mulher não decente”, segundo grau de escolaridade.

faixa etária	concorda		discorda			não sabe			total			
	n	f(%)*	n	f(%)		n	f(%)		n	f(%)		
não respondeu	0	0	1	1,09	33,33	2	18,18	66,67	3	2,80	100	
1º grau	2	50,0	9,09	17	18,48	77,27	3	27,27	13,64	22	20,56	100
2º grau	2	50,0	3,70	48	52,17	88,89	4	36,36	7,41	54	50,47	100
3º grau	0	0	0	26	28,26	92,86	2	18,18	7,41	28	26,17	100
total	4	100	3,74	92	100	85,98	11	100	10,28	107	100	100

* a primeira coluna das freqüências representa a comparação do tipo de resposta (concorda, discorda, etc.) entre as níveis de escolaridade e a segunda, a sua freqüência dentro de cada nível.